

## RESENHA

OURIQUES, Helton Ricardo. **A produção do turismo**: fetichismo e dependência. 2. ed. Campinas/SP: Alínea, 2003. 164 p.

**Samoel Santos Silva** – UFT – São Geraldo – Pará – Brasil  
[samoelss10@gmail.com](mailto:samoelss10@gmail.com)

Nesse livro o autor embasa-se tanto em autores que lidam com dilemas histórico-sociais que ajudam a entender o turismo como no marxismo com o intuito de compreender o turismo como instrumento do modo de produção capitalista ao passo em que o sujeito o consome. O turismo se expandiu de forma notável a partir do final da Segunda Guerra Mundial, com a popularização das viagens nos países desenvolvidos aliado à melhoria nos sistemas de transporte e comunicações, quando os trabalhadores passaram a ter melhores salários e mais tempo livre.

O capítulo um “Lazer e Turismo na Sociedade Capitalista” mostra como foi a preparação, iniciada no século XIX, desses trabalhadores nos países ricos para a atividade turística. O ócio e lazeres depravados da prole transformaram-se em excursões religiosas e viagens familiares impostas pela classe religiosa e apoiada pela burguesia. Foi essencial também a transformação da sociedade impulsionada pelo tempo do trabalho em sociedade do lazer, pois o mesmo significa libera-se das obrigações impostas socialmente.

Na atualidade pode-se dizer que a massificação do turismo representa um abismo que separa os homens visto que mesmo “massificado” o fazer turismo é restrito a no máximo um décimo da população mundial e há em tal parcela uma busca pelo aventureiro, sem abrir mão do conforto, justificado pelo ego e status social haja vista que as experiências vivenciadas poderá se transformar em relatos em suas rodas de conversas.

O segundo capítulo “Turismo: do fetichismo ao espetáculo” demonstra que a busca pela diferenciação e segmentação mercadológica no turismo implica na criação de um produto específico, para pessoas “conscientes” e desejosas de novas experiências. Tal busca pauta-se pela procura do “autêntico”, da “viagem participante” que transforma os interessados em uma espécie de “antropólogo por tempo determinado”.

---

Não há local com vocação nata para a atividade turística, pois é somente sob certas condições inerentes à apropriação por parte do capital que os lugares se tornam destinações turísticas com possibilidades lucrativas ilimitadas, diante da transformação de tudo em espetáculo: a fé religiosa, a pobreza urbana, os sítios arqueológicos, as construções colônias, a sexualidade, a natureza nata, o conflito no oriente médio. A lógica da mercadoria faz com que a sociedade se ofereça a si mesma como espetáculo.

O capítulo três: “Produção Científica em Turismo: síntese crítica” traz as principais correntes de interpretação e análise do turismo que são: A Liberal, de cunho econômico; do Planejamento estatal pautado a partir das ações do Estado; Pós-moderna, que calcada na crítica ao turismo massificado e o elogio a diferenciação do mercado; Crítica, que enfatiza os danos ocasionados pelo consumo e a produção a partir da atividade turística.

O capítulo quatro “O Turismo na Periferia do Capitalismo” aborda o turismo nos países pobres mostrando que se imaginou tal atividade como a oportunidade que precisavam para chegar ao desenvolvimento e em torno disso houve um grande esforço para a sua implementação em tais países. No entanto, tal prognóstico falha, pois o turismo no terceiro mundo serviu apenas para ampliar a lógica do capital e trouxe pouco benefício social. Ao contrário, trouxe mais problemas como o turismo sexual que possui um traço essencialmente colonialista, pois se outrora os conquistadores europeus pilhavam as riquezas e estupravam as mulheres, no presente expressam a dominação através do capital que compra inclusive a virgindade de crianças e jovens mulheres do terceiro mundo.

O turismo nos países pobres é definido como elemento mantenedor dos traços de dependência através do servilismo dos trabalhadores ocupados com tal atividade e do imaginário construído que idealiza os habitantes locais como seres “pitorescos” com os quais o turista precisa interagir. O cinema é outro elemento utilizado pela atividade turística haja vista que, geralmente, reforça os estereótipos sobre os países pobres, promove a turistificação de lugares, por exemplo.

O último capítulo “Brasil: de colônia de exploração a colônia de férias” tece ideias sobre o turismo no Brasil o qual se reforça a partir de imagens estereotipadas e com a vasta natureza nacional passando a ser vista como um vetor pronto para impulsionar o turismo tupiniquim assim como, nos últimos anos, a invenção de tradições, transformação do folclore e festas populares em prol de tal atividade. No que tange ao trabalho voltado para o turismo no Brasil, além da precariedade e sazonalidade dos trabalhos informais, dados

---

colhidos comprovam que a atividade turística está entre as que pagam os piores salários na economia nacional.

Percebe-se que o autor traz uma visão estritamente crítica acerca da atividade turística vista por ele como mais um dos mecanismos pelo qual se apropriou o capital para reproduzir sua lógica. No entanto, além do cinema, poderia ser enfocado outros meios de propaganda utilizados pelo turismo.

Se esse livro fosse escrito nos dias atuais, certamente, o autor citaria as redes sociais e os blogueiros com suas fotos deslumbrantes, mundo a fora, que florescem em seus seguidores virtuais, mesmo que intimamente, o desejo de estarem também algum dia em tais lugares. Outra via propagandística que poderia ser incluída é a televisão e os seus inúmeros apresentadores desde Eliana a Álvaro Garnerio em suas viagens por lugares como Dubai, Islândia, entre outros.

Uma inversão da questão tratada, mesmo que em menor escala, seria interessante, por exemplo: que motivações possui e qual é o comportamento de turistas de países subdesenvolvidos no primeiro mundo. A resposta a muitos pode parecer óbvia, mas há muitas nuances que validam tal indagação.

---

**Samoel Santos Silva** - Graduado em Geografia pela Universidade Federal do Tocantins. Desenvolve pesquisa sobre território dos castanheiros no sudeste do Estado do Pará. Membro do Grupo de Estudos Geográficos da Amazônia e Tocantins - GEGATO.

---

Recebido para publicação em 29 de março de 2020.

Aceito para publicação em 27 de julho de 2020.

Publicado em 19 de Agosto de 2020.